

OS CONSPIRADORES

Opera comica em 11 actos, poesia de Supardo, musica de Bellini.

A scena passa-se em Copenhague, em uma casa que todos sabem aonde é.

Epocha. Actualidade.

ACTO I.

O Theatro representa o interior de uma sala ornada com simplicidade, uma mesa coberta de preto, alguns individuos vestidos de preto, caras tapadas, e carapuços. Um que faz de presidente tem na mão uma campainha, mas sem badallo. (São 8 horas, 3 minutos, 22 segundos e meio, e mais um bocadito).



Presidente — Ora como eu ia dizendo, isto assim não convém; meu irmão está rouco de gritar para que a cousa se faça; hoje já não tem voz de causar terror, parece um sovelão; e a força do pulmão do lado esquerdo esgotou-se, e vocês entretidos a tocar marimbas, sem cuidarem do necessario. O velho parece que dorme, mas é assim um dormir de gato, que quando todos se persuadem disso, salta em cima dos ratos, e vai-os trincando, assim por modo de brincadeira, e se continúa estamos mais frescos que um pé d'agriões!

Todos. — Mata-se, esfolla-se, e faz-se com feijão verde para uma merenda!

Presidente. — Está dito! Mas quem o hade apanhar? (ninguem responde). Então? (moita). Vocês estão a dormir? (silencio). Proponho que todos aquelles que estão resolvidos a ajudar a apanhar o velho levantem o dedo; (uns tossem, outros espirram, coçam as orelhas, dão estallinhos com os dedos, etc. etc.) Pois bem, eu vou perguntar a cada um de per si. Sr. Carlos Magno. V. ex.ª apanha o bicho?

Carlos Magno. — Mandem-o pôr na rua Nova dos Martyres, atado a um frade de pedra, que eu lá vou com 30 couraceiros fazer-lhe um cerco, e respondo pela presa! disse. (O presidente toma nota).

Presidente. — Sr. Daborda, V. S.ª caça o grillo?

Daborda. — Mettam-o em um sacco, atado pela boca, ponham-o em Campo d'Ourique, que eu lá vou deitar-lhe fogo! Está decidido! (toma nota).

Presidente. — Sr. Agostinho, V. S.ª pesca o peixinho?

Agostinho. — Prompto, e já. Onde está elle?

Todos. — Está em casa.

(Agostinho levanta-se, chega á janella, vem correndo, e diz: o homem está preso!)

Todos. — Preso! (vão á janella).

Agostinho. — Não vêem tanta gente de roda d'elle? Está apanhado!

Todos. — Estás doado. O velho está tomando chá com algumas senhoras.

Agostinho. — E' isso mesmo que eu digo, pois se o coração de uma senhora foi capaz de prender Portugal a um desgraçado aventureiro, porque razão não pôdem tantos corações prender um só homem, que dizem ser tão sensivel?

Presidente. — Isso foi tempo. Esse tempo de coração acabou-se. Se não diz mais, isso não faz arranjo, este João não se chama Antonio. Já vejo que se perde o tempo e nada se faz.

Ferruge. — Sr. presidente, peço a palavra.

Presidente. — Tem a palavra o sr. Ferruge.

Ferruge. — Eu sou de opinião que deixemos a cousa até Outubro; e no dia 6 saltamos para a rua, e está tudo decidido.

Presidente. — E as eleições? E os nossos patuscos que vão continuando a ir tomar o fresco para o meio da rua? Este velho foi o diabo que nos appareceu, e agora para o impôrmos tem muito que se lhe diga, e não sei que volta se lhe hade dar!

Recta. — Sr. presidente, Bella idéa agora me veio de repente. Sahimos todos daqui, uns levam berimbãos, outros cega-regas, panellas velhas, buzinas, etc. etc. Vamos todos muito calladinhos, e em chegando defronte da porta do velho, tudo toca, e os que não levam instrumentos fazem algazarra, o velho chega á janella, fica assustado, nós atiramos-lhe com bombas de vintem, o homem morre, e grita se por Thomar! Que tal? isto é decisivo e breve.

Todos. — Nada; é chiufrin.

Presidente. — Os rapazes travessos sahiam logo, e davam-nos canellada para valer, e ficavamos peor que d'antes: assim não péga. Se a cousa não se fizer com pintos, e bastantes, d'outro modo nada se arranja.

Caldeirinha. — E pintos ha com abundancia?

Presidente. — Se ha! quantos se quizerem. Para que serviram as economias de 12 annos? agora faz-se-lhe fogo com a polvora delles. Se nos não tivéssemos prevenido em quanto houve que lamber, estavamos agora muito bem aviados.

Dultra. — Sr. presidente. Falle-se ao Marcos, dêem-se-lhe quatro almdes de agoa-ardente de prova, e talvez que em elle estando deste modo um pouco alegri-

nhô, faça alguma cousa por si, quero dizer, tenha alguma idéa politica.

Presidente. — Não pôde vir, porque elle está a estas horas em Guimarães, e não sahe de lá sem que heba todo o que lá ha, e aquelle povo esteja reduzido ao ultimo estado de miseria pela escacez de vinho, e porque ainda mesmo que tenha alguma lembrança feliz, em bebendo mais do que o costume, deita-se, ronca, e para mais nada serve; o que quer é dormir, e.... (Sente-se bullia na rua; que parece o rufar de um tambor etc.)

Todos. — Que é isto, srs.? Estamos perdidos; ahi anda tropa. Talvez seja o bravo regimento da couve, ou a policia!

Vão todos á janella com admiração, quando viram que eram 10 horas do dia seguinte, e a coxã da sanfona, com as pequenas do pandeiro e castanholas, que tocavam o hymno da carta defronte das janellas. Caem desmaiados, e assim ficam por espaço de algumas horas, findas as quaes o presidente toca a campainha, que não tinha badallo = Está fe. hada o sessão. Cahe o panno, e os conspiradores, uns vão tomar chocolate com o D.... C...., e outros pensam nos meios de arranjar a reacção.

Lei queixa-se dos operarios estarem sem trabalho Supponmos que a Lei se refere aos operarios que o conde de Thomar tinha no seu tempo empregados a apalpar os passageiros que transitavam pelas estradas.



queixam-se que o bravo 16 enterrou quinta feira passada um boneco a quem davam seria interpretação! O falso, foi uma couve, e isso é verdade, por que todo esse negocio foi uma couve. Ha quantos annos comem os soldados couves, e ainda a não enterraram!

No tempo das batatas baratas, comem batatas sem conto, e não as enterram. No tempo da fava, vão á fava eternamente, e não a enterram

No tempo do nabo, e nabica, chucham do nabo, e da nabica, e sempre contentes, sem as enterrarem; só agora que ha tão pouca couve, é que a enterram!! Meus amigos, tudo isso foi couve.

O sr. da correspondencia da couve no

Estãnd arte mimoseou moi delicadamente os seus collegas officiaes com o epitheto que se dá a Marcos: mas a respeito dos vivas ficou engasgado; e ainda estamos para saber o que elle quiz dizer. Entendemos: foi negocio de couve.

N

a rua do Chiado está um homem que tira toda a qualidade de nodos. Tem tudo muita enchente, e o resultado é prompto e bom.

Perguntaram-lhe ha dias uns patuscos, por que não ia a Vigo, e dalli a Londres, para fazer negocio. O homem respondeu que o seu elixir tirava to das as nodos, menos as de ladrão.

NOTICIAS DAS PROVINCIAS.



Alentejo. — Está em A perfeito socego, e ninguém conspira contra o marechal. Dizem que se fazem reuniões, mas são em consequen

cia de ser esta provincia muito falta d'agua, e quererem fazer alli um reservatorio para todo o verão não haver falta.

Porto. — Desde a meia noute em diante dorme todo o povo desta invicta cidade. Algumas reuniões que tem havido são da companhia dos vinhos do Alto Douro para enviarem ao seu provador-mór Preto o resultado dos seus trabalhos, e noticias do estado dos vinhos.

Elvas. — Está mais tranquilla que um cemiterio, só os pardaes é que passeiam e

conversam com os seus amigos. Alguns milhafres se tem reunido para se pronuaciarem contra os pombos.

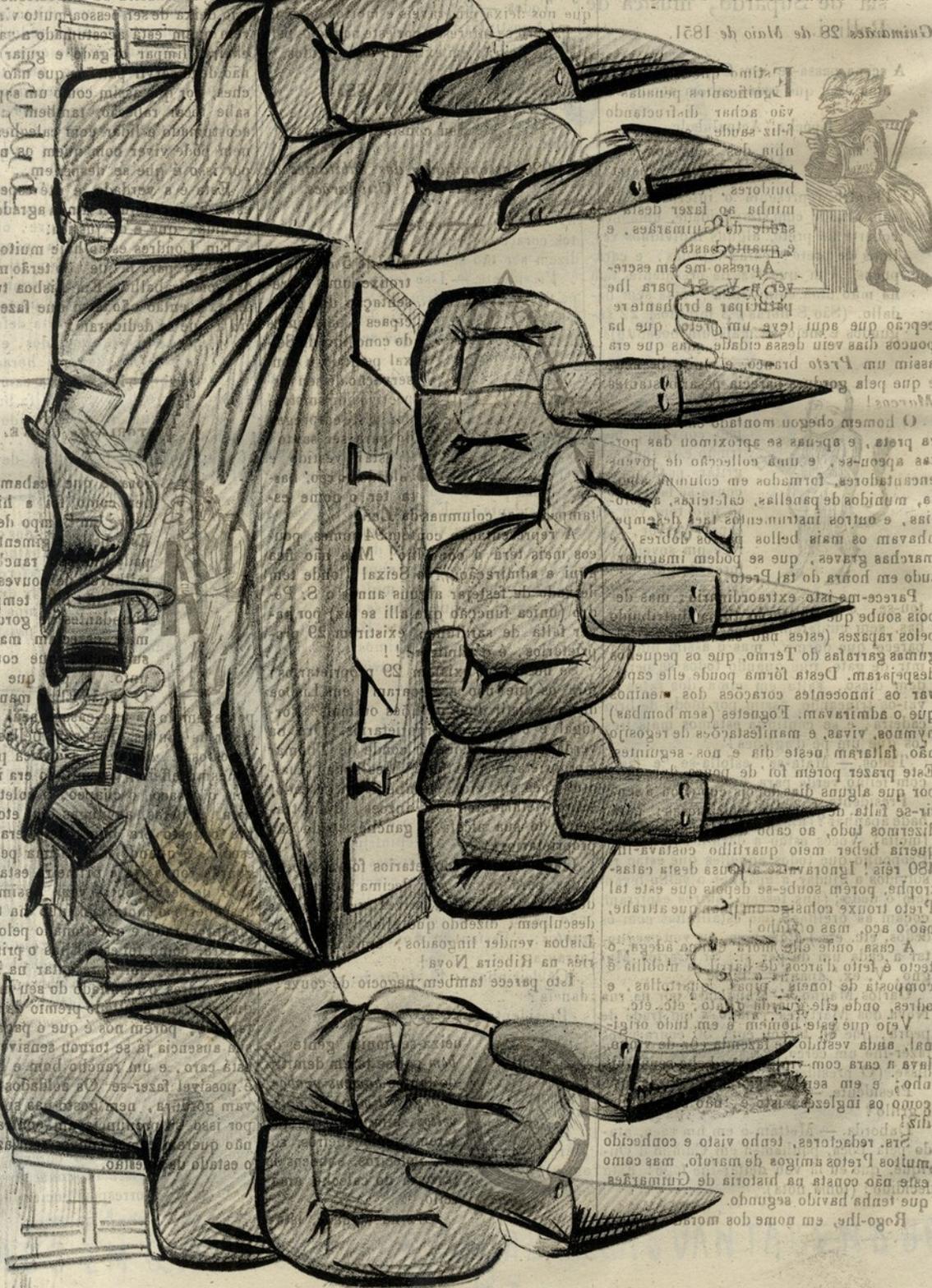
Por todo o resto do paiz ha socego, e nem até se sabe o que quer dizer as palavras — reacção, tomar, ladrão etc. etc.

Em Li-boa, isso então é um pasmar de socego, os surdos não dão ouvidos ao que dizem os cabralistas, os cegos querem ver o retracto do Costa Cabral, os paraliticos não se movem para se revoltarme, os tinhosos em lhe fallando em reacções coçam na cabeça, os gotosos não dão um passo a favor dos revolucionarios, e os sarmentos estão sempre a esfregar as mãos com medo das novidades.

Sabe-se que tem havido algumas reuniões, mas são com o fim de verem os meios que se podem obter para a *procição* de Corpus-Christo se fazer este anno com a maior pompa e solemnidade possivel.

Editor responsavel Manoel de Jesus Coelho, — Lisboa 1851. — Typographia de M. de Jesus Coelho, rua do Poço dos Negros n.º 54.

UMA SCENA DOS CONSPIRADORES



Vertical text on the left side of the page, including the title 'UMA SCENA DOS CONSPIRADORES' and other illegible text.

Vertical text on the right side of the page, including the title 'UMA SCENA DOS CONSPIRADORES' and other illegible text.